

RELATO DE PESQUISA

Percepções parentais acerca dos conflitos e benefícios associados com a gestão da família e do trabalho

Parental perceptions on the conflicts and benefits of combining work and family

Manuela Veríssimo^{(a)*}, Mauro Pimenta^(b), Patrícia Borges^(c), Inês Pessoa e Costa^(d), Ligia Monteiro^(e), Nuno Torres^(f), Carla Martins^(g)

Resumo: O presente estudo teve como objetivo analisar a existência do possível conflito entre a gestão da vida profissional e familiar, analisando variáveis sociodemográficas características das famílias em estudo. Participaram 532 famílias bi-parentais, em que ambos os pais trabalham, com crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos de idade oriundas de vários distritos de Portugal continental. Os resultados indicam que, na perspetiva de ambos os pais, os benefícios associados aos dois contextos parecem sobrepor-se aos constrangimentos. Os resultados indicam que níveis mais elevados das habilitações literárias de ambos os pais estão associados à percepção materna de maiores benefícios na relação entre o trabalho e a família. Quanto mais horas as mães trabalham, mais constrangimentos e sentimentos de interferência do trabalho na família percecionam. Verificou-se, ainda, diferenças em função do género para os pais nas dimensões de recompensa. Os resultados serão discutidos no contexto das teorias expansionistas.

Palavras-chave: Conflito entre Trabalho e Família, Experiências Parentais.

Abstract: The main goal of the present study was to assess the existence of conflict between family and work, in bi-parental working families, considering the effects of socio-demographic variables. Five hundred and thirty two families from different regions of Portugal and with children aged 2 to 5 years of age attending day-care programs participated. Results show that according to both parents the benefits associated with the participation in both family and work override constrains. Higher levels of education of both parents are associated with maternal perceptions of benefits related to the balance between these domains. The hours mothers spend at work are related to their perceptions and feeling of constrains and conflict between family and work. Differences related with child gender were found for fathers' perceptions of rewards. Results were discussed using the Expansionist Theory.

Key words: Conflict between work and family, Parental Experiences.

a Professora Associado, Doutorada em Psicologia do Desenvolvimento, Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação, ISPA-IU.

*E-mail: mveriss@ispa.pt

b Psicólogo, Doutorado em Psicologia da Educação, Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação, ISPA-IU.

c Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica, ISPA-IU.

d Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica, ISPA-IU.

e Professora Auxiliar, Doutorada em Psicologia da Educação, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIS-IUL.

f Investigador, Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento, Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação, ISPA-IU.

g Professora Auxiliar, Doutorada em Psicologia do Desenvolvimento, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar.

Nas últimas décadas, diversos estudos têm procurado caracterizar os diferentes aspetos e as consequências associadas à multiplicidade de papéis, nomeadamente, ao nível da saúde física e mental de homens e mulheres, dado que os papéis desempenhados, ao nível profissional e familiar, são considerados parte integrante da identidade do adulto (Frone, 2000).

As alterações sociais, demográficas e económicas que ocorreram durante o século XX levaram a mulher a adotar um papel mais ativo fora de casa, associando-se um maior investimento na carreira à necessidade económica da família, com o seu salário a poder atenuar as mesmas (Blank, 1988). No entanto, não foram apenas os papéis maternos a sofrer alterações. Os pais, embora continuem a despende menos tempo nos cuidados prestados às crianças comparativamente com as mães (Gershuny, 2001) estão, hoje em dia, cada vez mais envolvidos nas dinâmicas e rotinas familiares, não assumindo o trabalho a primazia que, no passado, era inquestionável. Continuam, porém, a ser confrontados com a prioridade do trabalho, o que os leva a estar menos tempo com a família (Theunissen, Vuuren & Visser, 2003), sobretudo se pretendem alcançar um patamar económico e social mais confortável para si e para as suas famílias. Estes fatores têm contribuído para o aumento do conflito entre família e trabalho.

Um aspeto a considerar que pode, ainda, contribuir para um potencial conflito entre os elementos do casal, nos casos em que ambos trabalham, será a competitividade entre estes, nomeadamente, ao nível salarial e de estatuto, pelo menos se comparados com os casais tradicionais, onde a competitividade é praticamente inexistente (Greenhaus, Callanan & Godshalk, 2000). Assumindo o marido o papel de suporte financeiro, cabia à mulher a educação das crianças e a gestão da casa, pelo que a sobreposição de funções era praticamente nula e eliminava a possibilidade de competição entre o casal e entre os próprios papéis a desempenhar por cada um, o que poderá não suceder nos casos em que a partilha de responsabilidade abarca a família e o trabalho.

O conflito entre o trabalho e a família é uma fonte de *stress* ao nível individual, do casal, podendo ter repercussões negativas ao nível das próprias empresas. Este tem sido associado a consequências negativas, como o pior desempenho na família e no trabalho, o absentismo e a redução da satisfação de um modo geral (Duxbury & Higgins, 1991; Frone et al., 1992). Este conflito, consoante o desequilíbrio provocado, pode até afectar a relação do casal levando mesmo à sua rutura (Sumer & Knight, 2001). O esforço para tentar equilibrar o trabalho e a família

pode conduzir à depressão (Goff, Mount & Jamison, 1990), aumentar os riscos de saúde, podendo, em certas circunstâncias estar associado com o suicídio (Duxbury & Higgins, 1991; Jones & Fletcher, 1996).

Neste sentido, e de acordo com os trabalhos de Allen, Herst, Bruck e Sutton (2000) e de Carlson e Frone (2003), as consequências do conflito entre o trabalho e a família podem sentir-se em três dimensões: a) na relação com o trabalho, quando surge algum desencanto no emprego, despoitando intenções de menor investimento laboral; b) na relação com a família, através de uma reduzida adesão às atividades familiares, do afastamento dos momentos importantes da vida familiar e das dificuldades de interação com os filhos (Frone, 2000a), para além do modo como a emergente insatisfação se pode associar a condutas desajustadas; c) no bem-estar individual, se o desequilíbrio em causa potencia o comportamento de ansiedade ou de depressão do sujeito (MacEwen & Barling, 1994; Greenberger & O'Neil, 1993), a baixa autoestima, o aumento do consumo de substâncias aditivas e a fraca saúde física (Frone, Russel & Barnes, 1996).

A teoria expansionista e os benefícios da multiplicidade de papéis

A multiplicidade de papéis pode ser benéfica para ambos os pais, ao nível da saúde mental, física e relacional dos indivíduos (e.g., Thoits, 1983). A multiplicidade de papéis não só cria oportunidades de sucesso como, também, aumenta a possibilidade do surgimento de frustrações e stress. Deste modo e em sintonia com Barnett e Hyde (2001), a diversidade de papéis parece melhorar as pessoas, oferecendo um contributo, que não deve ser ignorado, no sentido de as ajudar a tornarem-se melhores mães e pais. Por exemplo, Repetti, Matthews e Waldron (1989) concluíram que o emprego surge associado a maior qualidade de saúde, quer nas mães solteiras, quer nas casadas. Alguns estudos (e.g. Aneshensel, 1986; Crosby, 1991) verificaram que as mulheres empregadas tendem a ser menos depressivas, comparativamente com as mulheres desempregadas.

Wethington e Kessler (1989) verificaram que as mulheres que reduziam o tempo de permanência no trabalho, passando de tempo inteiro (35 h semanais) para *part-time* (entre 10 e 19 h semanais) ou que se haviam tornado donas de casa apresentavam um aumento dos sintomas de depressão. O mesmo parece acontecer com os pais, cuja saúde física (Gore & Mangione, 1983) e mental parece beneficiar do empenho

distribuído por diversas tarefas (e.g. Barnett, Marshall & Pleck, 1992; Lein et al., 1974; Veroff, Douvan & Kulka, 1981). De modo particular, o papel desempenhado pelos homens na família é central para o seu bem-estar físico e psicológico (Pleck, 1985), sendo que uma maior partilha na sustentabilidade financeira familiar oferece benefícios a ambos os progenitores (Wilkie, Ferree & Ratcliff, 1998). Ao contrário do que poderia ser expectável, os pais mais envolvidos nos cuidados das crianças apresentavam menores índices de *stress* ao nível psicológico (Ozer, Barnett, Brennan & Sperling, 1998).

Para além dos benefícios já associados à multiplicidade de papéis, segundo Barnett, Marshall e Pleck (1992), o impacto negativo provocado por um desempenho menos conseguido numa das áreas pode ser reduzido através do sucesso e satisfação obtidos num domínio diferente. A multiplicidade de papéis amplia as oportunidades de suporte social, que por sua vez aumentam as possibilidades de bem-estar (Polasky & Holahan, 1998), oferece diferentes oportunidades para experimentar o sucesso e desenvolver sentimentos de auto-confiança e a auto-eficácia (e.g. Bussey & Bandura, 1999), além de permitir um maior número de oportunidades para a descentração, facultando a mais fácil compreensão de diferentes perspetivas (Crosby, 1991; Crosby & Jaskar, 1993).

Quanto maior a complexidade do indivíduo, maior será a sua resistência aos possíveis efeitos negativos provocados por eventos stressantes (Linville, 1985). Quando ambos os progenitores partilham o trabalho e a responsabilidade familiar, as suas experiências diárias aproximam-se, facilitando a comunicação e a qualidade relacional do casal (Cowan et al., 1985). O facto de ambos os progenitores trabalharem pode ainda facilitar o eliminar de conceitos estereotipados baseados única e exclusivamente no género, um maior vencimento e o equilíbrio de poder entre os dois elementos do casal (Muchinsky, Kriek & Schreuder, 1998). Deste modo, o comprometimento com o trabalho não parece implicar o descomprometimento com a família ou vice-versa, o que contraria a tese funcionalista (Barnett & Hyde, 2001).

Todavia, os benefícios da partilha parental no que diz respeito ao trabalho e à família são mais evidentes nos casais que assumem uma ideologia não tradicional (não baseada na distribuição convencional de papéis em função do género), comparativamente com pais que têm uma visão tradicional acerca dos seus papéis (Brennan, Barnett & Gareis, 2001; James, Barnett & Brennan, 1998).

Apesar de benéfica, a multiplicidade de papéis, poderá, no entanto, ter consequências negativas quando estes são em

demasia ou demasiado exigentes para os indivíduos, ou quando as exigências de um papel colidem com o desempenho de outro. Mais importante que a quantidade de tempo despendida num dos domínios ou a própria quantidade de papéis assumidos é a qualidade do papel assumido. No caso de o trabalho não ser sentido como satisfatório ou quando a pessoa é vítima de discriminação, os benefícios psicológicos associados ao trabalho não se verificam (Barnett & Hyde, 2001).

A análise das relações entre os papéis assumidos na esfera familiar e no mundo laboral, na perspetiva de mães e pais, em famílias bi-parentais, foi o objetivo central do presente estudo. Assume-se que esta relação tanto poderá ser geradora de conflito, provocando constrangimentos (Duxbury & Higgins, 1991) como poderá estar associada a efeitos benéficos (e.g. Gore & Mangione, 1983; Thoits, 1983). Procura-se, assim, compreender se o trabalho se associa de modo positivo (e.g. Barnett & Hyde, 2001; Grzywacz & Bass, 2003) ou negativo (e.g. Russell & Hwang, 2004) ao papel parental.

Método

Participantes

Neste estudo participaram 532 famílias bi-parentais, casados ou em união de fato. As mães tinham idades compreendidas entre os 19 e os 50 anos ($M = 34.24$; $DP = 4.76$) e os pais entre os 23 e os 60 anos ($M = 36.44$; $DP = 4.76$). As habilitações literárias das mães variavam entre os 4 e os 21 anos de escolaridade ($M = 12.99$, $DP = 4.25$), tal como as dos pais ($M = 11.62$, $DP = 3.81$). As idades das crianças oscilavam entre os 32 e os 77 meses ($M = 56.38$; $DP = 9.88$), sendo 287 do sexo feminino e 244 do sexo masculino. O início de frequência da creche oscilou entre os 3 e os 63 meses ($M = 22.76$, $DP = 14.29$) e as crianças passavam entre 3 e 12 horas por dia ($M = 8.36$, $DP = 1.29$) em contexto escolar. As crianças frequentavam Jardins-de-Infância de vários distritos de Portugal.

Instrumentos

Escala Conciliar Trabalho e Família (*Combining Work and Family*; NICHD, 1991, traduzida e adaptada por Martins, Martins, Mateus, Osório & Fonseca, 2008). A escala foi elaborada no âmbito do “*Study of Early Child Care and Youth Development*” do NICHD (*National Institute of Child Health and Human Development*) e procura analisar a aliança do papel parental com o papel profissional, medindo as interferências negativas e positivas, assim como o próprio *stress*. É um questionário de auto-administração constituído por 21 itens tratados através

de uma escala de *Likert* de 4 pontos, onde 1 corresponde a “Nada Verdadeira”, e 4 a “Muito Verdadeira”. É composta por três subescalas: 1) Benefícios Família-Trabalho, constituída por 8 itens (alfa de .68 para a mãe e para o pai); 2) Constrangimentos Família-Trabalho, constituída por 13 itens (alfa de .82 para a mãe e .83 para o pai); 3) Valor Global correspondente ao stress associados à tentativa de conciliar trabalho e família (alfa de 0.86 para a mãe e de .87 para o pai).

Escala de Experiências Parentais (*Parent Role Quality Scale* NICHD, 1991, traduzida e adaptada por Martins, Martins, Mateus, Osório & Fonseca, 2008). Elaborada no âmbito do “*Study of Early Child Care and Youth Development*” do NICHD propõe-se examinar as preocupações, recompensas e stress associados à parentalidade, sendo constituída por duas subescalas: 1) Recompensas e 2) Preocupações, constituídas ambas por 10 itens, permitindo, ainda, calcular o stress parental no geral. É composto por 20 itens respondidos numa escala de *Likert* de 4 pontos, que oscila entre (1) – “Não é de todo uma preocupação” ou “Nada” e (4) – “Preocupação Extrema” ou “Extremamente”. A escala de Recompensas apresentou um alfa de .80 para a mãe e de .78 para o pai; a escala de Preocupações um alfa de .83 para a mãe e de .91 para o pai, e a escala stress parental um alfa de .76 para a mãe e de .81 para o pai.

Procedimentos

As famílias foram recrutadas para o estudo através dos Jardins-de-infância que frequentavam. Após a autorização das escolas para contactar os pais, foram enviadas cartas para todas as famílias com crianças em idade pré-escolar, informando os pais dos objectivos e procedimentos do estudo. Foi-lhes pedido que indicassem se aceitavam ou não participar; se sim, assinaram um consentimento informado. Todos os procedimentos éticos, relativos à recolha e tratamento dos dados foram respeitados. Este projeto foi aprovado pela Comissão Nacional de Proteção de Dados (organismo Português que tutela a recolha de dados). Os instrumentos foram respondidos individualmente por mães e pais. Finalmente os dados foram tratados utilizando o programa estatístico SPSS.

Resultados

Concordância parental na escala Conciliar Trabalho e Família

De modo a avaliar o grau de concordância entre as respostas maternas e paternas nas dimensões da escala *Conciliar Trabalho e Família*, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de *Pearson*. Os valores, situados entre .29 e .40, revelam correlações significativas moderadas e positivas entre todas as dimensões, o

que sugere que ambas as figuras parentais tendem a demonstrar visões concordantes sobre a conciliação da vida profissional com a vida familiar.

Variáveis sociodemográficas parentais e a conciliação entre trabalho e família

Obtiveram-se correlações positivas significativas entre a dimensão dos *benefícios* na perspectiva da mãe e as habilitações literárias maternas, $r = .12$; $p = .01$, e paternas, $r = .08$; $p = .04$. Estas, apesar de fracas, indicam que a mãe tende a retirar mais benefícios da relação entre o trabalho e a família quando ambos os progenitores possuem habilitações literárias mais elevadas. Verificou-se, também, uma correlação positiva significativa entre o número de horas que a mãe trabalha e as respostas maternas na dimensão *Constrangimentos Família-Trabalho*, $r = .13$; $p = .01$). Na perspectiva materna, quanto mais horas passadas no emprego maior a interferência do trabalho na família, indicador das dificuldades em conciliar estes dois domínios. Não se verificaram outras correlações significativas das dimensões da conciliação trabalho-família com as variáveis sociodemográficas associadas às figuras paternas ou às crianças.

Concordância parental nas três dimensões da Escala de Experiências Parentais: Preocupação, recompensa e stress parental

Analisou-se, ainda, o grau de concordância entre as respostas maternas e paternas nas três dimensões: Preocupação, $r = .46$, $p = .00$, Recompensa, $r = .37$, $p = .00$, e Stress parental, $r = .38$, $p = .00$, sendo as correlações significativamente positivas significativas e moderadas sugerindo que as figuras parentais tendem a partilhar a sua visão das experiências parentais.

Diferenças em função do género dos filhos nas Experiências Parentais

Para averiguar se existiam diferenças significativas em função do género das crianças nas três dimensões da escala de Experiências Parentais realizaram-se análises de variância de medidas repetidas, com o género como variável inter-sujeitos e as versões do pai e da mãe como variável intra-sujeitos.

Tabela 1. Média e desvio-padrão das respostas maternas e paternas consoante o gênero das crianças nas três dimensões da Escala de Experiências Parentais

Dimensões		Raparigas		Rapazes	
		M	DP	M	DP
Preocupação	Mãe	2.30	0.51	2.25	0.51
	Pai	2.25	0.52	2.22	0.49
Recompensa	Mãe	3.80	0.27	3.81	0.27
	Pai	3.77	0.33	3.70	0.45
Stress Parental	Mãe	3.09	0.30	3.06	0.31
	Pai	3.04	0.33	2.99	0.37

A única diferença significativa entre as experiências parentais em função do gênero foi registrada na subescala de recompensa na perspectiva do pai, $F(1, 531) = 4.1, p < .05$, considerando este que a recompensa na experiência parental é superior quando filhos são raparigas.

A conciliação entre o trabalho e a família e as experiências parentais

Utilizando-se o Coeficiente de Correlação de Pearson, analisou-se associação entre as diferentes dimensões das escalas “Conciliar Trabalho e Família” e “Experiências Parentais”. Os resultados ilustrados na tabela 2, apontam para a existência de resultados significativos (embora fracos ou moderados) entre as diferentes dimensões do conflito trabalho/família e a escala de preocupação e de stress parental. Os pais sentem um maior nível de preocupação e de stress quando tem maior dificuldade em conciliar o trabalho com a família. Finalmente foi encontrado uma correlação significativa entre os benefícios do trabalho e a dimensão recompensa.

Tabela 2. Correlações entre as Escalas: Conciliar Trabalho e Família e Experiências Parentais

		Preocupação		Recompensa		Stress Parental	
		Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Stress Família-Trabalho	Mãe	.32**	.16**			.26**	.14**
	Pai	.10*	.26**			.18*	.18**
Constrangimentos Família-Trabalho	Mãe	.32**	.17**			.23**	.12**
	Pai	.13**	.31**			.09*	.18**
Benefícios Família-Trabalho	Mãe			.11**			
	Pai			.10*	.29**		.21**

Nota: ** $p < .01$; * $p < .05$

Discussão

Nos últimos anos a sociedade tem sofrido profundas alterações que se refletem em alterações nos papéis assumidos por homens e de mulheres e nas dinâmicas entre os diferentes contextos em que se movem. Quer o homem, quer a mulher parecem reconhecer e assumir atualmente a importância dos papéis desempenhados na esfera familiar e profissional procurando um equilíbrio entre a satisfação pessoal e profissional. O mundo laboral, nomeadamente, as empresas têm vindo a tomar consciência de que a inflexibilidade pode ter um efeito adverso na produtividade, aumentando proporcionalmente os níveis de *stress* dos seus colaboradores, de absentismo e de insatisfação no trabalho (Theunissen et al., 2003). Porém, nem sempre o equilíbrio entre o trabalho e a família é possível ou fácil de atingir.

No presente estudo as respostas de ambos os pais sugerem o sentimento de que o trabalho tende a interferir mais com a família do que o inverso, o que poderá indicar que desejariam ter maior disponibilidade para a família (Theunissen et al., 2003). No entanto, não deixam de admitir que os benefícios resultantes da relação entre estes dois domínios se sobrepõem aos seus constrangimentos. Os resultados obtidos enquadram-se na teoria expansionista (Barnett & Hyde, 2001), que sustenta os efeitos positivos advindos da multiplicidade de papéis assumidos por ambos os pais, afastando-se da ideia preconizada pela teoria funcionalista (Parsons & Bales, 1955, cit. por Barnett & Hyde, 2001) que esta pluralidade de papéis acarreta efeitos nocivos. Nesta amostra a relação entre os domínios família e trabalho não parece ser conflituosa. Com efeito, os pais indicam a possibilidade de uma convivência que reflete maioritariamente um desempenho onde ambos os contextos se parecem ter influência benéficas (e.g. Barnett & Hyde, 2001; Grzywacz & Bass, 2003; Muchinsky et al., 1998; Wilkie, Ferree & Ratcliff, 1998).

Relativamente às experiências parentais, é a dimensão da recompensa que assume maior destaque, na opinião de ambos os progenitores indicando que a parentalidade está associada mais a sentimentos positivos do que à preocupação ou ao *stress*.

A literatura sugere ser expectável que a preocupação e o *stress* parental surjam mais facilmente associados a contextos onde, na opinião dos progenitores, se verifique a interferência de um destes domínios no outro, emergindo mesmo uma relação entre o trabalho e a família pautada pelos constrangimentos e pela insatisfação (e.g. Duxbury & Higgins, 1991; Frone et al., 1992). Os benefícios resultantes da relação entre trabalho e

família estão, também, positivamente associados às experiências parentais em concreto às dimensões de recompensa (na opinião de ambos os pais) e de *stress* parental, mas neste caso apenas na perspectiva paterna.

O facto da dimensão dos benefícios surgir associada de forma positiva à recompensa explica-se na medida em que uma boa relação entre trabalho e família se relaciona mais facilmente com uma experiência parental gratificante, como defendido pelas teorias expansionistas (Barnett & Hyde, 2001). No entanto, tal não se verifica em relação à associação entre os benefícios e o *stress* parental na perspectiva paterna. É possível que a conquista de benefícios, resultantes da relação entre o trabalho e a família, não se faça sem sacrifícios, podendo associar-se a um esforço paterno considerável, onde a correspondência às exigências de ambos os contextos se pode traduzir numa parentalidade, também, marcada pelo *stress*. As atuais exigências, designadamente a nível social, cultural e económico, podem justificar tais resultados (Magnusson & Stattin, 1998; Gershuny, 2001; Theunissen et al., 2003; Plantin, 2007).

Verificou-se, ainda, que os benefícios percebidos pelas mães e as habilitações literárias de ambos os progenitores encontram-se significativamente correlacionados. As profissões associadas a habilitações literárias superiores poderão usufruir de um horário laboral mais flexível, facilitando, assim, um melhor equilíbrio entre o trabalho e as atividades familiares. Adicionalmente, o facto de as mulheres com habilitações literárias superiores tenderem a investir mais nas suas carreiras profissionais poderá levá-las a facultar e a ambicionar uma participação paterna mais ativa ao nível da organização e prestação de cuidados (Monteiro et al., 2006), podendo contribuir para uma relação mais equilibrada e conciliatória entre o trabalho e a família. Contrariamente, os trabalhos de Marshall e Barnett (1993) indicam que os pais com empregos de maior prestígio, mais conotados com habilitações literárias elevadas, têm maior probabilidade para relatar uma relação conflituosa entre o trabalho e a família. Por outro lado, os resultados revelam também que as mães referem maior interferência do trabalho na família e maiores constrangimentos em função do número de horas que passam no emprego, o que vai ao encontro do reportado por Marshall e Barnett (1993).

Por fim, registaram-se diferenças significativas em função do género das crianças para as respostas paternas sobre a recompensa parental. Segundo os progenitores as experiências vivenciadas nas relações com as suas filhas parecem ser mais gratificantes, comparativamente, com as relações com os rapazes. Esta associação poderá dever-se ao facto dos rapazes

serem mais conotados com a agressividade do que as raparigas (Turner & Gervai, 1995), tendo estas maior tendência a adotar um comportamento empático, mais obediente e cooperante com os pais, procurando, mais do que os rapazes, a aprovação do adulto (Eisenberg, Fabes, Schaller & Miller, 1989). Por outro lado, os próprios progenitores tendem a demonstrar mais afeto com as raparigas do que com os rapazes, associando-as mais facilmente a um comportamento meigo (Fagot & Hagan, 1991).

O estudo da ecologia familiar poderá contribuir para uma melhor compreensão da organização das relações da criança no micro-sistema familiar e do seu desenvolvimento social posterior. Será importante repensar o papel materno e paterno. As crianças necessitam de pais afetuosos e competentes, que possam efetivamente satisfazer as suas necessidades e promover o seu desenvolvimento emocional, social, cognitivo e físico. Elas beneficiam, certamente, quando ambos os pais são capazes de se envolver e estão investidos nos seus cuidados e educação.

Referências

- Allen, T. D., Herst, D. E. L., Bruck, C. S., & Sutton, M. (2000). Consequences associated with work-family conflict: a review and agenda for future research. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5, 278-308.
- Aneshensel, C. S. (1986). Marital and employment role-strain, social support and depression among adult women. In S. E. Hobfoll (Ed.), *Stress, social support and women* (pp. 99-114). New York: Hemisphere.
- Barnett, R. C., & Hyde, J. S. (2001). Women, men, work, and family: an expansionist theory. *American Psychologist*, 56, 781-796.
- Barnett, R. C., Marshall, N. L., & Pleck, J. H. (1992). Men's multiple roles and their relationships to men's psychological distress. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 358-367.
- Blank, R. M. (1988). Women's paid work, household income and household well-being. In S. Rix (Ed.), *The American women 1988-89* (pp. 123-161). New York: Norton.
- Brennan, R. T., Barnett, R. C., & Gareis, K. C. (2001). When she earns more than he does: A longitudinal study of dual-earner couples. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 168-182.
- Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, 106, 676-713.
- Carlson, D., & Frone, M. (2003). Relation of behavioral and psychological involvement to a new four-factor conceptualization of work-family interference. *Journal of Business & Psychology*, 17, 515-535.
- Cowan, C. P., Cowen, P. A., Heming, G., Garrett, E., Coysh, W. S., Curtis-Boles, H., & Boles, A. J. (1985). Transition of parenthood: his, hers and theirs. *Journal of Family Issues*, 6, 451-681.
- Crosby, F. J. (1991). *Juggling: The unexpected advantages of balancing career and home for women and their families*. New York, NY: Free Press.
- Crosby, F. J., & Jaskar, K. L. (1993). Women and men at home and at work: Realities and illusions. In S. Oskamp & Costanzo (Eds.), *Gender issues in*

- contemporary society (pp. 143-171). Newbury Park, CA: Sage.
- Duxbury, L. E., & Higgins, C.A. (1991). Gender differences in work-family conflict. *Journal of Applied Psychology*, 76(1), 60-74.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Schaller, M., & Miller, P. A. (1989). Sympathy and personal distress: development, gender differences, and interrelations of indexes. In N. Eisenberg (Ed.), *Empathy and related emotional responses* (pp.86-126). (New Directions for Child Development nº 44). San Francisco, SF: Jossey-Bass.
- Fagot, B. I., & Hagan, R. (1991). Observations of parent reaction to sex-stereotyped behaviors: Age and sex effects. *Child Development*, 62, 617-628.
- Frone, M. (2000). Interpersonal conflict at work and psychological outcomes: testing a model among young workers. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5, 246- 255.
- Frone, M. R., Russell, M., & Barnes, G. M. (1996). Work-family conflict, gender, and health-related outcomes: a study of employed parents in two community samples. *Journal of Occupational Health Psychology*, 1, 57-69.
- Frone, M. R., Russel, M., & Cooper, M.L. (1992). Antecedents and outcomes of work-family interface. *Journal of Applied Psychology*, 77(1), 65-76.
- Gershuny, J. (2001). Changing times. New York: Oxford University Press.
- Goff, S. J., Mount, M. R., & Jamison, R. L. (1990). Employer supported childcare, work/family conflict and absenteeism: a field study. *Personnel Psychology*, 43, 793-809.
- Gore, S., & Mangione, T.W. (1983). Social roles, sex roles, and psychological distress: Additive and interactive models of sex differences. *Journal of Health and Social Behavior*, 24, 300-312.
- Greenberger, E., & O'Neil, R. (1993). Spouse, parent, worker: Role commitments and role-related experiences in the construction of adults' well-being. *Developmental Psychology*, 29, 181-197.
- Greenhaus, J. H., Callanan, G. A., & Godshalk, V. M. (2000). Career management (3rd ed.). Orlando: Dryden.
- Grzywacz, J. G., & Bass, B. L. (2003). Work, family, and mental health: Testing different models of work-family fit. *Journal of Marriage and Family*, 65, 248 – 261.
- James, J. B., Barnett, R. C., & Brennan, R. T. (1998). The psychological effects of work experiences and disagreements about gender-role beliefs in dual-earner couples: a longitudinal study. *Women's Health: research on Gender, Behavior, and Policy*, 4, 341-368.
- Jones, F., & Fletcher, B. C. (1996). Taking work home: a study of daily fluctuations in work stressors, effects on moods and impacts on marital partners. *Journal of Occupational and Organisational Psychology*, 69(1), 89-106.
- Kossek, E. E., & Ozeki, C. (1998). Work-family conflict, policies and the job-life satisfaction relationship. A review and directions for organisational behavior – Human Resources Research. *Journal of Applied Psychology*, 83(2), 139-149.
- Lein, L., Durham, M., Pratt, M., Schudson, M., Thomas, R., & Weiss, H. (1974). Final report: work and family life. Cambridge, MA: Center for the Study of Public Policy.
- Linville, P.W. (1985). Self-complexity and affective extremity: don't put all of your eggs in one cognitive basket. *Social Cognition*, 3, 94-120.
- MacEwen, K. E. & Barling, J. (1994). Daily consequences of work interference with family and family interference with work. *Work and Stress*, 8, 244-254.
- Magnusson, D., & Stattin, H. (1998). Person context interaction theories. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology. Vol. 1: Theoretical models of human development* (pp. 685-759). New York, NY: Wiley.
- Marks, S., & MacDermid, S. (1996). Multiple roles and the self: a theory of role balance. *Journal of Marriage and Family*, 58, 417-430.
- Marshall, N. L., & Barnett, R. C. (1993). Work-family strains and gains among two-earner couples. *Journal of Community Psychology*, 21, 64-78.
- Martins, C., Martins, E., Mateus, V., Osório, A., & Fonseca, M. (2008). *Experiências parentais e conciliar trabalho e família: apresentação das características metrológicas de dois instrumentos*. Trabalho apresentado à XIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Universidade do Minho, Portugal.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psicologica*, 42, 213-229.
- Muchinsky, P. M., Kriek, H. J., & Schreuder, A. M. G (1998). *Personnel Psychology*. Johannesburg: Thomson.
- O'Brien, M. (2010). Social science and public policy perspectives on fatherhood in the European Union. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of Father in Child Development* (pp.121-145). New Jersey, NJ: John Wiley & Sons, Inc.
- Ozer, E. M., Barnett, R. C., Brennan, R. T., & Sperling, J. (1998). Does child care involvement increase or decrease distress among dual-earner couples? *Women's Health: Research on Gender, Behavior, and Policy*, 4, 285-311.
- Plantin, J. H. (2007). *Fatherhood and health outcomes in Europe*. Geneva: World Health Organization.
- Pleck, J. H. (1985). *Working wives/working husbands*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Polasky, L. J., & Holahan, C. K. (1998). Maternal self-discrepancies, interrole conflict, and negative affect among married professional women with children. *Journal of Family Psychology*, 12, 388-401.
- Repetti, R. L., Mathewa, K. A., & Waldron, I. (1989). Employment and women's health: effects of paid employment on women's mental and physical health. *American Psychology*, 44, 1394-1401.
- Russel, G., & Hwang, C. P. (2004). The impact of workplace practices on father involvement. In M. E. Lamb & C. S. Tamis-LeMonda (Eds.), *The role of father in child development*. (pp.476-503). New Jersey, NJ: John Wiley & Sons, Inc.
- Sumer, H. C. & Knight, P.A. (2001). How do people with different attachment styles balance work and family? A personality perspective on work-family linkage. *Journal of Applied Psychology*, 86(4), 653-663.
- Theunissen, B., Vuuren, L.V., & Visser, D. (2003). Communication of job related information and work-family conflict in dual-career couples. *Journal of Industrial Psychology*, 29(1), 18-25
- Thoits, P. A. (1983). Multiple identities and psychological well-being: a reformulation and test of the social isolation hypothesis. *American*

Sociological Review, 48, 174-187.

- Turner, P. J., & Gervais, J. (1995). A multidimensional study of gender typing in preschool children and their parents: personality, attitudes, preferences, behavior, and cultural differences. *Developmental Psychology*, 31, 759-772.
- Veroff, J., Douvan, E., & Kulka, R. A. (1981). *The inner American: a self-portrait from 1957 to 1976*. New York, NY: Basic Books.
- Voydanoff, P., & Donnelly, B. W. (1999). Multiple roles and psychological distress: the intersection of the paid worker, spouse, and parent roles with the role of the adult child. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 725-738.
- Weingarten, K. (1978). The employment pattern of professional couples and their distribution of involvement in the family. *Psychology of Women Quarterly*, 3, 43-53.
- Wethington, E., & Kessler, R. C. (1989). Employment, parental responsibility, and psychological distress. *Journal of Family Issues*, 10, 527-546.
- Wilkie, J. R., Ferree, M. M., & Ratcliff, K. S. (1998). Gender and fairness: marital satisfaction in two-earner couples. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 577-594.

Recebido em novembro/2012

Revisado em fevereiro/2013

Aceito em abril/2013

****Agradecimentos:** Os autores gostariam de agradecer a todas as mães e pais que aceitaram participar neste estudo, financiado em parte pela F.C.T (PIHM/GC/0008/2008) e pela Comissão para a Cidadania e Igualdade do Género. Os autores gostariam ainda de agradecer a todos os colegas da linha 1, Psicologia do Desenvolvimento, da UIPCDE pelos seus comentários valiosos.